

CINCO RÉIS  
DE GENTE

AQUILINO RIBEIRO

# CINCO RÉIS DE GENTE

Prefácio de  
LUÍSA COSTA GOMES

Introdução de  
JORGE COELHO

Nota de abertura de  
AQUILINO MACHADO



BERTRAND EDITORA

Lisboa 2016

## PREFÁCIO

### Ó MÃE, QUE LÍNGUA É ESSA?

Repassada de admiração extrema, li alto, num ímpeto, uma passagem da *Casa Grande de Romarigães*. Estava sol, o miúdo brincava perto. Ó mãe, diz ele, que *língua é essa?* É o Português de gema, o Português feito à mão, vindo dos tempos em que havia realidade nas coisas, ainda não reduzido ao básico de cinco mil palavras que agora nos serve para ver a televisão do entretenimento. E se nas urbes já se fala pouco em virtude do barulho das opiniões standardizadas, emitidas e reemitidas em língua franca, também pelas aldeias pouco se fala, fora os euros e as dores que eles dão. Digamos que é uma língua como ela deve ser: literária, criada para ter e dar gosto. Picada daqui e dali, na experiência, e reinventada por um escritor que se não satisfaz com os modos de dizer que já lá estão. Ler Aquilino é ter o prazer de ver uma língua a funcionar em pleno como literatura. Não é só o léxico, rigoroso, variado, vistoso, é toda a maneira e feitio de atirar a língua ao ar, de a virar e revirar, na sintaxe, no abuso de todos os recursos estilísticos e narrativos. Difícil? Cada livro faz o seu leitor, cada autor exige a sua disciplina. Aquilino tudo abordava com a mesma atitude de peito feito, procurando a materialidade do artifício literário, tão forte que se vê a olho nu, como o oleiro a moldar o pote, ou outro qualquer desses artesãos que lhe povoam os livros. Não por acaso, tinha de si a ideia de «obreiro das letras» (e que o Aquilino «etnógrafo» não obnubile tal «obreiro»!). Não é aqui o momento para

biografias, nem há espaço. Aquilino foi um escritor do seu tempo e do seu povo, quis sê-lo, soube que o era, trabalhou mais de cinquenta anos, foi lido, amado e homenageado. Influenciou gerações que lhe chamaram Mestre. Para quê lamentar que seja de momento o Grande Desaparecido das Letras portuguesas, uma espécie de continente reprimido de um país que se quer na vanguarda da moda? A figura do Aquilino vítima, injustiçado por literatos e civis que ou o leram por ser revolucionário, ou não o leram por ser revolucionário, ou o desdenharam por «regionalista», sofreria o desprezo, antes de todos, do próprio Aquilino. O que há a fazer, honrando o homem de acção que ele foi, é o que se está a fazer: reeditá-lo, empurrá-lo para diante das gerações, pô-lo debaixo de queixos, à frente de olhos. O Aquilino não precisa de prefácios, nem de chorincas, nem de paninhos quentes. Quem vier, virá. E encontrará em *Cinco Réis de Gente* o delicioso relato de uma infância universal: dos «limbos do passado» vem um rapazinho confiante e curioso, devoto da liberdade, a descobrir o seu mundo. Uma família amorosamente relemburada, o pai grande com o seu quê de valdevinos, a senhora mãe mulher de armas compassiva e industriosa, um bebé trôpego e uma tia desemparelhada cujas funções são cantar lenga-lengas, ninar e mimar. Aqui se reconstrói a escada das primeiras coisas, das primeiras vezes, a sempre perdida sensualidade da infância: a intimidade do cão, o escândalo do mano («Não quero cá mano nem meio mano!»), uma noite alucinada de fogueiras, a primeira doença grave, o primeiro canivete, a primeira *toilette* para ir à feira, o primeiro banquete, os afagos do padrinho, os dias na fazenda com o pai, a descoberta das castanhas («Mas as castanhas são tão bonitas com sua oval fantasiosa, seu sépia de veludo, tão ternas quando espreitam juntinhas...»), a paixão pela professora na «escola deliciosa», as brincadeiras primaveris de meninos com meninas, tudo vem à memória com a inteligência da compaixão e o encanto de amar sem julgar. E é também assim que o humor sólido e viril de Aquilino compreende o primeiro deslumbramento pelo espectáculo do burlesco, a conseqüente fuga em busca da urso-bailarina, e as misteriosas, tão justas, palavras do fidalgo seu padrinho: «só se desencaminham os afoitos». E afoito é

que ele com certeza foi. São páginas escritas a olhar para a criança, mas com a visão do homem que sabe que os meninos têm de cair das árvores e têm de fugir às mães, e prezar sobretudo a vida ao largo e a sua liberdade.

LUÍSA COSTA GOMES

## INTRODUÇÃO

É um enorme orgulho para mim escrever esta introdução à obra *Cinco Réis de Gente* do grande Aquilino Ribeiro.

Agradeço ao Dr. Paulo Neto e à Editora Bertrand a confiança em mim depositada.

As minhas primeiras palavras são, como não poderia deixar de ser, para o Autor.

Aquilino Ribeiro é um dos maiores vultos da nossa cultura e do que tem de melhor a nossa História.

Aquilino Ribeiro é um grande Português e um beirão das terras, que baptizou do Demo, do distrito de Viseu, do interior de Portugal, o distrito onde eu nasci e vivi na minha juventude, no meu caso nos anos 50/60.

Ao escrever esta introdução de *Cinco Réis de Gente*, quero homenagear o Homem e o escritor, mas também o Cidadão que tudo fez na defesa dos direitos do seu povo, da sua terra e que dedicou a sua vida a lutar pela justiça, pela fraternidade e pela liberdade.

Por onde passou deixou marcas. E sempre de uma extraordinária relevância.

Gostaria de realçar os seus estudos, a sua extensa obra literária, os exílios e os refúgios, o combate e a conspiração política constante contra o regime, sempre a falar e a defender a sua gente e o seu País. Jamais me cansarei de referir a sua extraordinária afirmação em *Quando os Lobos Uivam*. «A Nação é de todos, a nação tem de ser igual para todos. Se não é igual para todos é que os dirigentes que se chamam estado, tornam-se Quadrilha.»

Foram 78 anos de vida, vividos com uma intensidade própria de quem, como diz no livro que hoje prefacio: «... sonhava, persistentemente, desperto ou a dormir».

São cidadãos assim que não partem. O que fizeram na sua vida é determinante para que todos os que querem também uma sociedade justa, fraterna e livre sintam na sua obra e na sua vida a força necessária para prosseguir o seu combate, que não tem fim.

Evocar e divulgar a obra de Aquilino Ribeiro continua a fazer parte da luta permanente pela nossa dignidade enquanto pessoas e a sua expressão, «Alcança quem Não Cansa», não poderia deixar de ser o maior estímulo para que cada um de nós dê continuidade ao mesmo objectivo.

Mas vamos agora ao *Cinco Réis de Gente*.

Esta obra de Aquilino Ribeiro respira, de forma muito incisiva, a vida do Portugal profundo e, em particular, a sua própria vida, enquanto jovem, no seio da sua família.

Como o autor diz no prefácio, «o atual romancito exprime o retorno que efectuei sobre este passado, já bem longínquo mas ainda inebriador».

Não será, pois, uma obra com o vigor de *O Malhadinhas*, de *Terras do Demo*, de *Quando os Lobos Uivam*, ou de *A Casa Grande de Romarigães*, que confesso serem os meus preferidos na sua vasta obra.

*Cinco Réis de Gente* é, acima de tudo, um livro de pessoas, das suas formas de estar e de pensar, dos seus hábitos, das suas vidas e muito em particular do próprio Aquilino, das suas origens e da sua formação.

Por se tratar de um enredo, de um romance, que envolve pessoas, trata necessariamente de afectos. Afectos pelas pessoas, pelas terras onde vivem e trabalham, muitas vezes com grande dureza, afecto pela natureza e pelo que a envolve, afecto pelos animais. Afecto pela vida.

O Amor, o maior dos afectos.

Será que não havia amor naqueles tempos? A forma como o autor identifica a forma de vida da sua família desmente esse facto.

A forma como trata a sua tia Custódia, ostracizada por razões várias pelo conjunto da sociedade e da família, embora a sua cara

fosse como um crivo de regador, ele diz que «é bonita, é bonita», desmentindo esse conceito.

Mas também a forma como se refere à sua tia Ana é identificativa da forma clara e sem tibieza com que, naqueles meios e naqueles tempos se identificavam os sentimentos. Sem meios-termos, «Esta Ana é uma paz de alma, nem lá vou, nem faço minguá».

Ou se gosta (tia Custódia) ou não se gosta (tia Ana).

Na sua família e na sociedade naquele tempo havia muito amor mas poucos afagos.

Talvez, como alguém disse, um amor mais seco, mas mesmo assim amor.

É que, como é referido pelo autor, na aldeia, não era habitual passar-se a mão pela cara das pessoas de quem se gostava. Era efectivamente outra forma de expressão de amor. Como diz, «para o camponês o rosto é sagrado, não se mexe».

Mas o autor percorre na sua obra, à sua maneira, muitos do que eram símbolos próprios da época.

O medo do escuro, a superstição das aves agourentas que desejavam mal às pessoas, o medo da morte. E aqui, no medo da morte, é algo contraditório, pois refere que «sei que morrer é mais fácil do que se pensa».

Mas, também, transpõe com clareza que, ao contrário de muitos, ele gosta e acha «lindos os lagartos nos terraços de suas luras a divisar-me com as duas gotas de ónix líquido dos olhos pequeninos. E que medo não tinha da cobrinha preta que atravessava o atalho pressurosa, e corria a esconder-se na rampa, zebrando as ervas com fulgurantes ziguezagues.»

Mas também aprecia formigas, rãs, libelinhas (e os seus instantes de amor), ninhos, corvos, etc.

São os seus afectos pelo campo, pela natureza.

Todas estas belezas da natureza e dos campos por onde passava, valiam muito mais com certeza do que «dez reis de mel coado».

Mas é também na entrada na escola que se começam a sentir os seus afetos pessoais. A sua entrada na escola, pelas características da mesma, da forma como era praticado o ensino, deixou marcas. Considera a escola boa só para os ricos.



Considera a sua professora D. Teolinda «linda de Deus», mas é na sua mestra que se começam a reflectir outros sentimentos bem mais profundos.

«Um regalo de senhora, uma flor em comparação de quantas melhores tinha visto. O seu rosto atraíu-me como um jardim de flores nunca visto.»

Tinha chegado a paixão.

Apaixonantes, mas noutro sentido, são também os capítulos XIII, XIV e XV, que considero fascinantes e actuais, tendo em conta que abordam as eternas promessas de uma campanha eleitoral. É muito divertido ler Aquilino, nesta matéria.

Senão, vejamos:

«— Promete-se tudo. Não se diz a ninguém que não, seja o que for. [...]

— Mas e se algum lapuz quiser ser bispo? [...]

— Se algum clérigo quiser ser bispo, [...] prometer-se-lhe-á até as púrpuras do cardeal.»

São, pois, os eternos afectos eleitorais.

É igualmente cativante ler Aquilino a descrever os espectáculos de rua nas aldeias em que os pobres artistas estrangeiros, com autênticos minicircos, fazem juntar todas as populações, criando assim uma total afectividade da comunidade.

O Autor/Narrador conta-nos isso com imagens preciosas que me fizeram lembrar a minha meninice numa aldeia da região.

Curiosamente, uma aldeia — Contenças, no concelho de Mangualde — onde Aquilino Ribeiro em 1928, no âmbito da chamada revolução do Castelo, foi preso, por, em conjunto com António Gomes Mota, ter vindo à estação de caminhos-de-ferro, por acaso em frente à minha casa, apoiar as tropas de Pinhel que se dirigiam a Lisboa para apoiar as forças do Revirvalho. Como sempre, Aquilino Ribeiro, a lutar pela Liberdade. E, como as coisas correram mal, lá foi Aquilino Ribeiro para o Presídio Militar do Fontelo, em Viseu, de onde acabaria por se evadir para Paris, para o seu 3.º exílio.

Ler *Cinco Réis de Gente* é um acto de prazer.

Ficamos a conhecer melhor o que foi o verdadeiro Portugal e a forma como nele se viveu.

Ficamos, através da tia Custódia, da tia Ana, da tia Madalena, do Tiago Sapateiro, do Monge, do seu padrinho Dom Nicéforo Fernandes, do José Loio e da Maria Loia, do Padre Sigismundo, da D. Deolinda, do tio Ladislau, da D. Letícia, da Emilinha, do Capitão José Francisco Vicente, do Pe. Nuno Nazaré, do Dr. Temudo da Restituta Martins e de tantos outros, mas acima de tudo do Autor/Narrador, a conhecer, em concreto, bem melhor as nossas origens e talvez as razões de sermos o que somos hoje.

Mas também a vivência no Codessal, na casa dos Sanhudos e na Quinta do Amparo e o seu relacionamento com o cão *Barzabu* e a égua *Inácia*, dão-nos uma noção mais perfeita do que é um verdadeiro beirão.

Essa é a sabedoria de quem, de uma forma única, nos é capaz de transmitir o que Aquilino Ribeiro faz neste seu/nosso *Cinco Réis de Gente*.

Mas, escolhendo um conjunto de passos do romance, onde os afectos são uma realidade, não posso deixar de referir a frase que mais me impressionou, pela sua profundidade, em todo o texto.

Diz: «O que o homem mais aprecia, acima de grandezas, glória, amor, acima do próprio pão para a boca, é a Liberdade.»

Eis Aquilino Ribeiro. Eis um grande Cidadão.

Contenças, 31 de Julho de 2016

JORGE COELHO